

ABERTURA

A. Gomes da Costa

Hoje é um dia assinalado para o Real Gabinete Português de Leitura. Primeiro, porque na abertura deste “Seminário Camões” vamos ter, como objeto de análise e de estudo, a obra de um escritor português que nos diz muito e que, tanto em vida como depois de sua morte, manteve uma relação profunda com o Brasil e com os brasileiros. Desde os amigos que frequentavam sua casa ou que com ele conviveram em Paris — o Eduardo Prado, o Domício da Gama, o Barão de Rio Branco — aos devotos que nas “padarias espirituais” de São Luiz do Maranhão, ou no “Clube do Eça” no Rio de Janeiro, repetiam páginas inteiras de cor do *Primo Basílio*; ou desde o primeiro estudo crítico sobre sua Obra, que foi publicado no Brasil poucos anos depois de sua morte, aos trabalhos das nossas Cleonice Berardinelli, Beatriz Berrini e Elza Miné que continuam a ser editados com uma elegância e uma competência admiráveis; ou do “álbum das glórias” de Wladimir Alves de Sousa aos “mimos” queirosianos de Roberto da Silva Ramos, o autor de *Os Maias* tem vários *espaços cativos* neste país: um *espaço cativo* para a leitura, pela sedução do estilo, pela estética e pela feitura do romance; um *espaço cativo* para a análise, como o comprova a extensa bibliografia e as muitas vertentes por que foi estudada a sua Obra e continua; um *espaço cativo* para a adoração, pela magia exercida sobre gerações que nos precederam e que perdura, pelo menos, naqueles brasileiros que continuam com o “São José Maria” nos lábios e no coração.

Por tudo isso, e porque esta Casa é uma matriz da Cultura portuguesa e um foco permanente de sua irradiação no Brasil, promoveu-se a abertura deste “Seminário”, a propósito dos 150 anos do nascimento do criador de Fradique Mendes, como se fora uma liturgia de veneração e de louvor àquele que, sendo “um pobre homem da Póvoa de Varzim”, nos legou uma obra ímpar e luminosa, expressão do Gênio e do Artista.

Mas o dia de hoje, para o Real Gabinete, também é assinalado porque recebemos uma plêiade de mestres e de especialistas, de aquém e de além-mar, que nos honram sobremaneira com sua presença. Os seus trabalhos, o seu

magistério, a sua devoção queirosiana, o seu conhecimento e o ser percorrido pela Literatura dos países de Língua Portuguesa tornam-nos, a todos, merecedores de nossa admiração, de nosso respeito, de nossas mercês e do nosso reconhecimento por terem vindo praticar o culto queirosiano e enriquecer o nosso historial com mais uma página de encontro e de fraternidade luso-brasileira.

Ao entrar há pouco no Real Gabinete, lembramo-nos da carta do Eça a Mariano Pina, na qual escrevia: “Suponha Você que eu penetro na Academia Francesa com 2 volumes na mão e exclamando: — ‘Qual destes é o melhor?’ Mostro de um lado o *Ruy Blas* e do outro a *Salambô*...”

Pois também eu pensei qual a nossa maior alegria: se a de proporcionarmos este Seminário sobre Eça de Queirós, se a de recebermos tão ilustres e conceituados mestres, ensaístas e escritores. Mas não importa qual a maior: somamos as duas e estamos imensamente felizes e orgulhosos por este “laureado” queirosiano.

12 de setembro de 1995